

divina porque o caminho da onipotência, também na Liturgia, passa pela encarnação»⁶⁶.

e. Na Liturgia da Palavra há uma **verdadeira transformação** da Escritura em Palavra viva de Deus; nela dá-se uma **real presença** do Senhor ressuscitado que nela fala e nela é anunciado; **por ela realiza-se uma efectiva comunhão** sacramental com Cristo a que têm acesso muitos que não podem ousar abeirar-se da mesa do Corpo do Senhor, mas que já aqui o acolhem com fé e vida numa comunhão que pode e deve ser frutuosa. Ela há-de ser, por isso, objecto de uma pastoral solícita e de uma veneração condizente.

Termino dando a palavra a um Bispo pastor de tempos de crise — S. Cesário de Arles:

«Pergunto-vos, irmãos e irmãs, que coisa vos parece mais importante: a Palavra de Deus ou o Corpo de Cristo? Se quiserdes responder bem, deveis sem dúvida dizer que a Palavra de Deus não é menos do que o Corpo de Cristo. E então, se pomos tanto cuidado quando nos é entregue o Corpo de Cristo para que nada d'Ele caia por terra das nossas mãos, não deveremos pôr outra tanta atenção para que a Palavra de Deus, que nos é oferecida e dada, não escape do nosso coração, o que acontecerá se estivermos distraídos ou na conversa? Não será menor a culpa por escutar com negligência a Palavra de Deus do que por deixar cair ao chão por descuido o Corpo de Cristo»⁶⁷.

JOÃO DA SILVA PEIXOTO

⁶⁶ A. SCHÖKEL — *Consejos al lector*. Hódie. 1965, 17, p. 82.

⁶⁷ CAESARIUS AREL., santo — *Sermo* 78, 2: PL 39, 2319.

Aspectos do enciclopedismo medieval

*«Todas as artes servem à ciência divina, e a sabedoria inferior, rectamente ordenada, conduz à sabedoria superior».**

HUGO DE S. VICTOR

Num artigo relativamente recente, José Mattoso escrevia de forma sugestiva e pertinente:

«[As enciclopédias medievais] lembram-me um viajante pobre em país longínquo e repleto de riquezas desconhecidas na sua terra. Procura guardar as mais preciosas, as mais exóticas ou representativas de um mundo diferente, para depois as mostrar aos companheiros embevecidos, quando regressa à sua aldeia. (...) [A aprendizagem medieval] baseava-se, fundamentalmente, na abordagem do signo verbal e da linguagem, nos comentários, glossas e explicações dos textos, na selecção das passagens exemplares. Aprender era, em suma, tomar posse da palavra»¹.

Estes lúcidos apontamentos tocam em duas temáticas que constituirão talvez o núcleo do saber medieval: a sua referência constante ao universo mental greco-romano, sintetizada na célebre metáfora de Bernardo de Chartres que comparava os intelectuais medievais a anões empoleirados nos ombros dos gigantes do saber

* *De sacramentis*. PL, t. CLXXVI, col 85.

¹ José MATTOSO — *As enciclopédias Medievais*. In *ENCICLOPÉDIAS e Enciclopedismo*. Revista da Imprensa Nacional / Casa da Moeda. 1984 (4).

clássico; por outro lado, o facto de o pensamento medieval, de um ponto de vista epistemológico, se fundamentar, quase sempre, numa questionação das múltiplas dimensões significativas do signo verbal, na utilização da palavra como critério de verdade, ao que não é alheia a presença constante da Sagrada Escritura como última e incontornável referência desse mesmo pensamento.

Apesar da justeza desta apreciação, ela só pode ser entendida como perspectiva geral e, eventualmente, esconde as múltiplas mutações que o saber medieval e, particularmente o saber enciclopédico, sofreu ao longo dos tempos. Nessas mutações os princípios atrás referidos assumiram maior ou menor relevo, e foram até parcialmente substituídos por outros, como veremos, na medievalidade tardia.

É desse processo evolutivo que pretendemos aqui apresentar uma síntese, tentando relevar algumas linhas evolutivas do pensamento enciclopédico medieval, particularmente aquelas que permitam compreender melhor o papel fundamental e dinâmico que os medievais tiveram na transição do saber Antigo para o saber Moderno, facto tantas vezes obscurecido pelo anátema que compara a Idade Média a uma idade de trevas.

As origens do enciclopédismo medieval confundem-se com o ocaso do enciclopédismo clássico onde se destacam as obras de Plínio, Solino, Cícero e mesmo os escritos naturalísticos de Aristóteles que embora não tivessem uma vocação enciclopedista, constituíam um património cultural e um saber positivo de que os enciclopedistas não podiam prescindir.

Apuleio de Madaura que se distinguiu nos finais do século II é um dos autores mais representativos do espírito enciclopedista helenístico. Retórico, romancista, filósofo, viajante apaixonado pelos povos longínquos e exóticos, estudioso de óptica e medicina, ele exemplifica paradigmaticamente as limitações, ambiguidades e virtudes da «Paideia» helenística: um grande talento literário alicerçado em profundos conhecimentos de Retórica e de Gramática, um conhecimento disperso das Ciências Naturais onde o rigor e sistematização aristotélicos são substituídos por um saber cumulativo de «curiosidades naturais» e finalmente uma espécie de nostalgia de uma «ciência total». É talvez nesse espaço extremamente inde-

finido, entre o rigor da «episteme» grega e um universo empírico totalmente novo, que a romanidade vinha descobrindo, que emerge o enciclopédismo latino, carenciado de suportes metodológicos, coleccionando factos bizarros e inexplicáveis, os «mirabilia», mas também herdeiro do humanismo grego, ansiando por um saber ao mesmo tempo universal e à medida do homem.

Os séculos II e III, séculos de afirmação do enciclopédismo romano, constituem, ao nível da especulação filosófica e da produção científica, um período nitidamente de transição, de soluções teóricas e doutrinárias híbridas no quadro da cosmovisão pagã. Na expressão de Jacques Fontaine é o período das «pseudo-ciências», onde a astrologia, a alquimia e a magia substituem o sistema metafísico e naturalístico de Aristóteles, enquanto do Platonismo só é recuperada a vertente mística expressa no «Timeu»².

É pois num momento particularmente frágil e extremamente eclético do saber clássico, que a especulação e a constituição de um saber de inspiração cristã surgirão.

A transição para o enciclopédismo medieval esboça-se inicialmente em Alexandria onde Fílon, Clemente e Orígenes reafirmam a importância da organização do saber em torno do «trivium» e do «quadrivium»³, embora as questões de ordem curricular ou epistemológica não estivessem no centro das suas preocupações, cujo núcleo era constituído pela difícil e ampla questão especulativa do diálogo entre a filosofia clássica e a Revelação cristã.

De forma mais anónima e menos explícita, não podemos também deixar de referir a elaboração do *Physilogus*, de autor indefinido, escrito ou compilado entre os séculos II e IV, numa região provavelmente entre a Síria e o Egipto e que, numa perspectiva já cristã, reunia dados de conhecimentos naturais e simbólicos das tradições orientais, gregas, latinas, gnósticas e herméticas. Note-se contudo que as primeiras citações explícitas ao «*Physiologus latinus*» datam só do século V⁴.

² Jacques FONTAINE — *Isidore de Seville et la mutation de l'encyclopedisme antique*. In *LA PENSÉE encyclopédique au moyen âge*. Neuchatel, 1966, p. 45.

³ Sobre este tema ver particularmente Francesco ZAMBON, introdução à tradução italiana do *Physiologus*. Milano: Adelphi, 1975, p. 19-30.

⁴ *Ibidem*, p. 15.

Há todavia nos primeiros pensadores cristãos alguns traços comuns que serão fundamentais na afirmação de um novo tipo de enciclopedismo: uma clara opção por uma interpretação alegorizante da Natureza, que ao procurar uma concordância entre os significados da Sagrada Escritura e o significado alegórico dos elementos da Natureza, transforma esta num outro «livro» escrito por Deus; uma leitura antropológica em que as virtudes e os defeitos do homem, à luz da Revelação, são interpretados figurativamente por animais, plantas ou minerais.

Estamos no início dos inúmeros bestiários moralizantes que proliferarão durante a Idade Média.

Ilustrativamente, citamos apenas uma breve passagem do início do *Protreptico* de Clemente de Alexandria onde se lê que:

«O homem é a mais selvagem de todas as feras: as aves de rapina são os frívolos, as serpentes são os enganadores, os leões são os violentos, os porcos selvagens são os luxuriosos e os lobos são os ladrões» (I, 4, 1).

As contribuições dispersas e assistemáticas dos pensadores cristãos dos primeiros séculos só convergirão numa primeira tentativa de constituição de um saber enciclopédico unificado com S.^{to} Agostinho.

A obra do Bispo de Hipona, particularmente o *De doctrina christiana*, representa o primeiro e decisivo marco de organização de um enciclopedismo tipicamente medieval, que a ele deve o seu «discurso preliminar», a sua «estrutura ideológica»⁵.

O *De doctrina christiana* insere-se num período da biografia de S.^{to} Agostinho que se poderá caracterizar por um já grande amadurecimento da actividade pastoral e por um significativo aprofundamento do universo cultural semítico no qual «à imaginação, a linguagem, o tipo de afectividade próprios do mundo bíblico»⁶ se impõem à profunda herança greco-latina revelada nos primeiros escritos.

O primeiro princípio que poderemos constatar nesse novo e universal programa de cultura cristã consistirá na afirmação da

⁵ FONTAINE — *Isidore de Seville*, p. 50.

⁶ IDEM — *La letteratura latina cristiana*. Tradução italiana. Bologna, 1973, p. 31 ss.

Sagrada Escritura como fonte primeira e absoluta não só da via da salvação mas também do conhecimento autêntico.

No entanto é da própria natureza da Sagrada Escritura que a sua leitura transcenda o nível literal e aceda ao conhecimento alegórico, ao qual serão fundamentais noções correctas de todos os elementos da Natureza que povoam o texto bíblico.

Finalmente, todas as «doutrinas pagãs» que indirectamente contenham uma parte da Verdade devem ser utilizadas para o fim da salvação e da sabedoria. Nomeadamente as disciplinas do «trivium» e do «quadrivium» que travejavam o saber clássico.

Estes princípios que estão presentes em toda a obra foram fundamentais na inflexão e fundamentação epistemológica do saber cristão.

Nomeadamente na conjugação entre os critérios metodológicos e disciplinares mais sólidos do universo greco-latino, e a matriz cultural mais saliente do universo semítico, isto é, a sua dimensão simbólica e alegórica, convergindo na explicitação de uma Verdade que se apresenta como Palavra Revelada.

A amplitude deste gesto intelectual repercutir-se-ia ao longo de todo o enciclopedismo medieval e, num primeiro tempo daria coerência doutrinal e teórica a algo que até então não passava de um conjunto de contributos epistemologicamente algo dispersos.

No entanto, não será de estranhar que encontremos ainda em S.^{to} Agostinho a presença dos «mirabilia» de Plínio ou Solino, como se os princípios agostinianos ainda tivessem que conviver com um empirismo rude que permitia afirmar, por exemplo, que:

«Assim como não foi impossível a Deus criar as naturezas que quiz; assim também não Lhe é impossível mudar as que criou. Daí que floresça toda a multidão desses milagres a que chamamos monstros, maravilhas e portentos. Se nos quizessemos referir a todos eles, quando acabaria esta obra?» (*De civ. Dei*, XXI, 8. PL 41, 722).

A obra de Boécio (480-525) embora não tivesse uma influência directa no enciclopedismo, foi determinante na evolução epistemológica do saber medieval.

A distanciação de Boécio em relação às actividades pastorais ou eclesiológicas, bem como a sua própria formação, permitiram-

-lhe, mais do que S.^o Agostinho, contactar de um modo doutrinariamente relativamente³ desprendido com o universo mental da Antiguidade.

Nesse sentido as suas traduções e comentários do *Organum*, das *Categorias* e dos *Tópicos* de Aristóteles bem como da *Isagoge* de Porfírio representam um marco definitivo para a adopção de uma inspiração tipicamente helénica, de cariz aristotélico, na elaboração do saber medieval, particularmente no domínio da lógica e da dialéctica.

Com Boécio também constatamos, de um ponto de vista metodológico e disciplinar, um favorecimento nítido do «quadri-vium», aritmética, música, astronomia e geometria, o que revela por um lado um distanciamento em relação a uma cultura fundada na Retórica e na Gramática, como era a cultura romana e dos primeiros pensadores cristãos, por outro um distanciamento em relação ao modelo alegórico-bíblico que já dominava os meios culturais da época e finalmente uma clara opção pelos clássicos gregos como principal fonte de inspiração do saber medieval.

Esta perspectiva que, em termos gerais, foi relativamente lateral a um universo de cultura predominantemente bíblica que prevaleceu durante toda a Alta Idade Média, veio a manifestar-se como pioneira e referenciadora na restauração do património cultural clássico que acompanhou o renascimento científico e filosófico do século XII e no desenvolvimento da Escolástica.

No século VII surge um autor, cuja obra, particularmente os livros reunidos sob o título *Origenes* vulgarmente traduzido por «Etimologias», vai constituir a contribuição mais genuína do enciclopédismo medieval e que, do século VII até aos finais da Idade Média se tornou a obra de carácter enciclopédico mais lida no Ocidente.

O contexto histórico-cultural em que S.^o Isidoro de Sevilha se inseriu foi determinante do carácter e mesmo do sucesso da sua obra.

A supressão da interdição de casamento entre «romanos» e «germanos» que passam a reger-se pelo mesmo código civil, a convivência entre a cultura romana e bizantina no sul da península e a riqueza da biblioteca sevilhana propiciavam ao reino visigótico do século VII e, particularmente à região onde vivia Isidoro, um ambiente cosmopolita e de florescimento cultural.

Por outro lado, o fraco nível geral de preparação intelectual do clero tornava cada vez mais urgente a existência de obras que servissem de referência simultaneamente segura e acessível para uma formação cultural cristã doutrinariamente universal e consensual, e minimamente rica em informação e conhecimentos positivos.

Finalmente, a dispersão linguística que se verificava na Europa cristã apelava a um esforço de unificação polarizado na língua latina, que ao mesmo tempo preservasse as raízes clássicas da cultura ocidental.

Em suma, condições que tornavam mais urgente o surgimento de obras de carácter enciclopédico do que especulativo, tanto mais que a síntese doutrinal e filosófica de S.^o Agostinho já se impunha como referência fundamental.

Uma breve perspectiva da estrutura das *Etimologias* elucidamos sobre a metodologia e finalidade da obra.

Os primeiros cinco livros ocupam-se das tradicionais sete artes liberais e outras ciências: I - Gramática; II - Retórica; III - «Quadri-vium» científico; IV - Medicina; V - Direito.

Seguidamente três livros ocupam-se das Ciências Sagradas: VI - Escrita e Liturgia; VII - Deus, os Anjos e os Santos; VIII - A Igreja e as Seitas. Depois um Livro sobre Línguas, a Política, a Sociedade e a Família (IX), e, concluindo esta primeira série um livro sobre os Vocábulos (X).

A segunda série ocupa-se das Ciências da Natureza e de realidades mais concretas: XI/XIV - O Homem, os animais e o mundo; XIV - Urbanismo e construção; XVI - Minerologia; XVII - Agronomia e Botânica; XVIII - Vida Pública; XIX - Artes e técnicas e finalmente XX - Mobiliário, cozinha e utensílios diversos.

Embora a obra de S.^o Isidoro seja menos volumosa do que a de Plínio, insere-se na tradição universalista dos clássicos, apresentando como principal novidade a inclusão de três livros totalmente dedicados às ciências sagradas. No entanto, em relação à totalidade da obra, os «assuntos profanos» têm um peso dominante.

Este aspecto não é alheio ao facto de a obra ter um carácter predominantemente pedagógico, uma pedagogia, aliás, não só cultural mas também civilizacional.

As «Etimologias» situam-se na fronteira entre um saber cristão já instituído e um saber «pagão», por vezes ainda grego, outras vezes contaminado por concepções árabes ou mesmo europeias pré-cristãs. Essa espécie de hibridismo é nítida nas recorrências e citações feitas por Isidoro que vão desde a Patrística ao hermetismo popular⁷.

No entanto, é a própria metodologia da obra que mais directamente nos revela o perfil cultural e espiritual do autor.

Ao longo do texto, S.^{to} Isidoro utiliza sistematicamente quatro categorias metodológicas distintas, na interpretação dos textos ou das realidades que aborda e que são os fundamentos dos seus próprios critérios de verdade, logo, categorias também ao nível epistemológico: a diferença, a etimologia, a analogia e a glosa.

Note-se que todas elas são originárias de disciplinas linguísticas, a Gramática e a Retórica. De facto, o saber isidoriano assenta acima de tudo num conhecimento da «palavra».

No entanto, pode-se afirmar que a categoria mais utilizada é a etimologia, aliás, daí decorrendo a tradução usual da obra.

S.^{to} Isidoro afirma no início da obra: «Compreende-se mais rapidamente a natureza de uma coisa, uma vez conhecida a origem do seu nome»⁸. Este critério, de origem estoica, pitagórica e judaica, encerra em si a convicção e a sugestão de um «tempo» ou «estado» primordial onde a «coisa» e o seu «nome» coincidiam absolutamente num estado, diríamos, de beatitude ontológica.

Assim entendido, o percurso civilizacional e a própria história não passariam de um processo de sucessiva degeneração perante o qual, ao homem culto, competiria restituir as «origens», essa «região de verdade» que se confundiria com a origem dos tempos e com a origem da hierofania do «logos». Um pensamento bem usual na Alta Idade Média.

Por outro, a interpretação do tempo que está incluída nesta perspectiva é nitidamente clássica e particularmente estóica, distante do progressivismo e escatologismo do tempo cristão. É isto que permite afirmar ao estudioso mais conhecido da obra isidoriana

⁷ Sobre este tema ver particularmente M. Th. ALVERNY — *L'homme comme symbole, le microcosme*. In *SIMBOLI e simbologia nell'Alto Medioevo*. Spoleto, 1976, p. 133.

⁸ ISIDORO DE SEVILHA, santo — *Origines*. t. 1, 29, 2.

que o sevilhano é, paradoxalmente, genuinamente medieval embora a sua «visão do mundo decorra de uma quinta-essência do pensamento antigo mais profano.»⁹

Durante um período que vai desde finais do século VII a finais do século X, o enciclopédismo acompanhou o nítido retraimento cultural que afectou toda a medievalidade ocidental.

Podemos dizer que à excepção da obra de Rabano Mauro, que aliás surge no único período de uma certa vitalidade cultural, o renascimento carolíngio, nada se produziu de novo ou diferente no pensamento enciclopédico.

Mesmo a ampla obra de Rabano Mauro é nitidamente conservadora em termos intelectuais, devendo quase tudo da sua informação a Isidoro de Sevilha e, dentro do espírito dominante na Alta Idade Média, insistindo na tropologia, na significação moral e espiritual das realidades naturais, em relação às quais mantem as definições etimológicas de S.^{to} Isidoro.

No século XII, com o *Didascalion* de Hugo de S. Victor assistimos a uma autêntica inovação e aprofundamento do pensamento enciclopédico medieval.

A obra surge num período que hoje é unanimemente considerado de «renascimento» cultural e civilizacional do ocidente latino.

A amplitude e pluridimensionalidade desse renascimento foram já exaustivamente descritas e estudadas¹⁰, no entanto, sublinhamos aqui alguns dos mais significativos acontecimentos socio-culturais.

No plano social, assiste-se a uma decadência da nobreza feudal e aos primeiros passos das monarquias nacionais, à «explosão» da vida urbana intensificando o comércio e as comunicações, o surgimento das corporativas de artífices e comerciantes, o movimento das cruzadas, e uma profunda reforma monástica onde se destaca S. Bernardo de Claraval.

No plano cultural, o desenvolvimento das escolas catedrais, primeiro esboço das Universidades, um claro progresso das línguas

⁹ FONTAINE — *Isidore de Seville*, p. 57.

¹⁰ Entre os inúmeros estudos dedicados a este tema destacamos as obras de M. D. CHENU — *La Théologie au douzième siècle*. Paris: Vrin, 1957 e *LA RENAISSANCE du XII^e siècle*. Paris, 1933.

e literaturas nacionais, o contacto com a ciência e a filosofia árabe, a tradução e acesso a inúmeros clássicos gregos, o enfraquecimento da arte românica e o nascimento da arquitectura ogival que dará origem ao gótico e uma acentuada tendência de sistematização da Filosofia e da Teologia.

Como vemos, um conjunto de acontecimentos que justificam não só o epíteto de «renascimento» cultural, mas apontam também para uma «revolução» de mentalidades.

No âmbito do tema que aqui nos ocupa, este processo teve duas incidências particularmente significativas: por um lado aquilo a que o P.^o Chenu designou uma «redescoberta da Natureza» que passa a ser objecto de um tratamento sistemático e racional, abandonando-se progressivamente as descrições fragmentárias e as explicações meramente moralizantes; por outro lado, nota-se um declínio das categorias tropológicas e alegóricas na Teologia e na Filosofia, cedendo lugar à sistematização racional e dialéctica.

Reflectindo a mentalidade da época, Hugo de S. Victor afirma na introdução do *Didascalion*: «A Filosofia é a disciplina que procura estabelecer de maneira adequada a razão de todas as coisas, humanas e divinas.»

Este princípio orientará toda a estrutura do *Didascalion* que, como se pode ver no quadro da página seguinte, não apresenta já o perfil de uma acumulação justaposta de conhecimentos, mas antes de um sistema interpretativo com uma organicidade própria.

Do esquema apresentado podemos retirar algumas conclusões:

— O âmbito das matérias abordadas na enciclopédia excede largamente os tradicionais «trivium» e «quadrvium», incluindo áreas de um saber eminentemente prático, incluídas na «Filosofia Mecânica».

— A Lógica surge com um relevo e uma autonomia inéditos.

— A Teologia, embora o seu objecto, os «intelectíveis», seja o mais elevado de todas as ciências, surge integrada num sistema racional presidido pela Filosofia.

— A Matemática surge pela primeira vez como disciplina fundadora e propedêutica do «quadrvium».

F	Teórica	Teologia Matemática Física	Aritmética Música Geometria Astronomia
	L	Prática	Solitária Privada Pública
O		Mecânica	Lanifícios Equipamento militar Navegação
	Agricultura Caça Medicina Teatro		
A	Lógica	Gramática Dissertiva	Demonstrativa Probabilística Sofística
			Dialéctica Retórica

A perspectiva de Hugo de S. Víctor além de apresentar uma opção inovadora que já procura articular um empirismo controlado pela razão dialéctica, denota uma característica emblemática da nova era que começa a esboçar-se. Embora não conhecesse a *Metafísica* de Aristóteles o seu sistema compreensivo é já nitidamente aristotélico, certamente através de uma mediação boeciana.

Nesse sentido, talvez se possa afirmar que assim como as *Etimologias* corresponderam, ao nível do enciclopedismo, à síntese doutrinal e filosófica de S.^{to} Agostinho, o *Didascalion* prenuncia já a síntese tomista.

Durante o último quartel do século XII e todo o século XIII várias foram as contribuições para o enciclopedismo medieval, salientando-se as obras de Honório d'Autun, Vicente de Beauvais, Guilherme de Conches e Alexandre Neckham. No entanto nenhuma atingiu a dimensão paradigmática e exemplar das *Etimologias* ou do *Didascalion*.

No entanto, não podemos deixar de referir o grande marco representado por Alberto Magno. Embora não tivesse elaborado nenhuma obra que pretendesse ela mesma ser uma enciclopédia,

o carácter vastíssimo e eclético dos seus escritos fazem dele uma figura de vulto na construção de um saber que se pretende universal e globalizante.

Neste pequeno texto é-nos impossível dar conta de todas as dimensões e implicações da sua obra, no entanto podemos sugerir o seu horizonte teórico mais inovador.

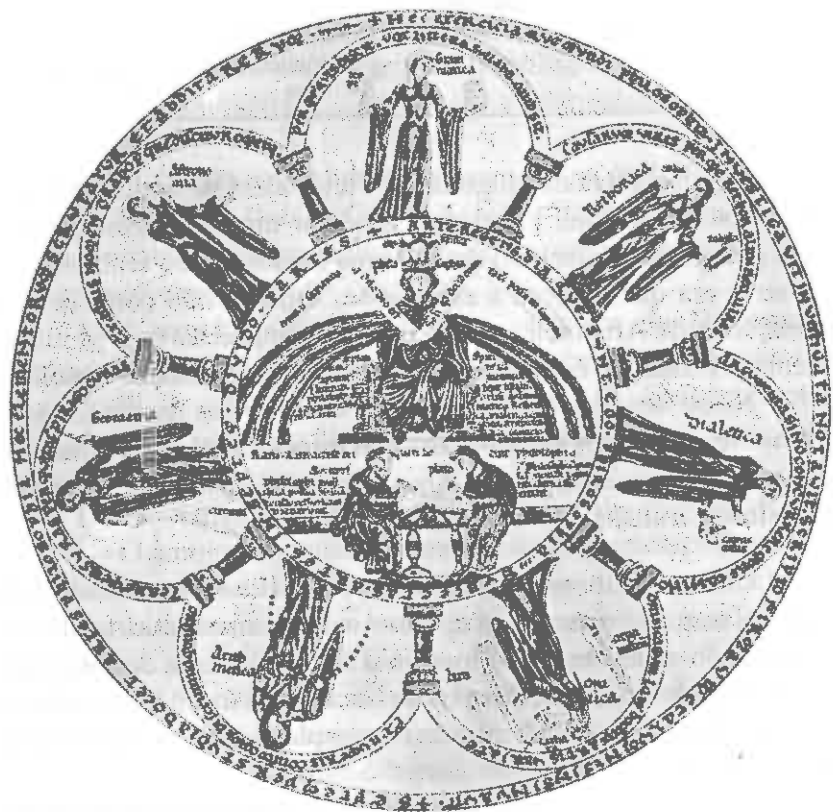


Figura: «Representação das artes liberais nos finais da Idade Média» (Herrad von Landsberg).

Num belo texto do *Opus Magnum* pode ler-se:

«Falarei primeiro das obras maravilhosas da Natureza e do engenho (...) não que nelas exista algo de mágico, pois sublinho que o poder mágico é inferior (...) Podem-se construir meios para navegar sem remadores (...) Podem-se construir carros que se movam sem cavalos com uma força maravilhosa (...) Podem-se construir máquinas manobradas pelo homem que lhe permitam voar como os pássaros». [Virá um tempo em que] «coisas desconhecidas e ocultas de nós e dos nossos antepassados verão a luz»¹¹.

Independentemente da dimensão algo profética que este texto viria a assumir estamos, de facto, teoricamente perante a opção por uma razão experimental que, como se sabe, floresceria na modernidade.

Para finalizar esta síntese genérica cumpre-nos aludir a *Ars Magna* de Raimundo Lullio que, nos finais do século XIII, preludia um espírito já renascentista.

Na apresentação da obra, Raimundo Lullio exprime a sua intenção de lançar as bases de uma «ciência geral aplicável a todos os conhecimentos, com princípios generalíssimos nos quais se incluem simultaneamente os princípios das ciências particulares e os princípios que regem a generalidade das ciências». Esta visão simbolizada através da «árvore do saber», implica não só a noção de uma comunhão de princípios entre o «saber generalizado» e o «saber particularizado», retomando o princípio hermético de que o infinitamente grande está reflectido no infinitamente pequeno e vice-versa, mas também a de uma possível compatibilização entre o conhecimento lógico e o conhecimento metafísico.

Neste gesto, Raimundo Lullio acaba por procurar conciliar as duas tendências de pensamento que distintamente inspiraram as *Etimologias* e o *Didascalion*, projectando-se numa concepção do mundo e do saber de matriz neo-platónica e hermética que será importantíssima no Renascimento.

¹¹ Texto citado por M. T. Brocchieri FUMAGALLI — *Le enciclopedie dell'occidente medievale*. Milano, 1981, p. 43.

Do longo percurso de que aqui apresentamos algumas etapas mais significativas, parece-nos poder-se entrever um sentido, fruto do próprio acontecer histórico. A multiplicidade de realidades abordadas pelos enciclopedistas transita progressivamente de um estatuto de *exempla* e de *vestigium Dei* como os primeiros pensadores cristãos a consideravam, para um estatuto de *experiendum*, como dominantemente será encarada pela Filosofia e pela Ciência modernas.

Nesse percurso, o gesto bem medieval de «guardar as riquezas preciosas do saber» acaba por se revelar axial e imprescindível.

JOSÉ ACÁCIO CASTRO

Em torno da história do luteranismo ibérico do séc. XVI: Breves reflexões sobre alguns pressupostos, equívocos e encruzilhadas

«Venida a saber los daños de Francia de estos luteranos y cuanto iba en crecimiento esta desventurada seta, fatiguéme mucho, y como si yo pudiera algo u fuera algo, lloraba con el Señor y le suplicaba remediase tanto mal [...] y ansí determiné a hacer eso poquito que yo puedo y es en mí, que es seguir los consejos evangélicos con toda la perfección que yo pudiese, y procurar estas poquitas que están aquí hiciesen lo mesmo, confiada yo en la gran bondad de Dios que nunca falta de ayudar a quien por él se determina a dejarlo todo».

SANTA TERESA - *Camino de perfección*. Cap. I:
«De la causa que me movió a hacer con tanta estrechura este monasterio».

Parece inquestionável que, de um ponto de vista formal, a Dieta de Worms consagra oficialmente a irreversibilidade da ruptura de Lutero com a Igreja Católica Romana, e o princípio das medidas de rigor contra a rebelião a que o irmão Martinho emprestara o seu nome e inspiração. Lutero seria então em Espanha uma 'notícia religiosa' com talvez não mais de um ano de existência¹.

¹ Cf. entre outros, Agustín REDONDO — *Luther et l'Espagne de 1520 a 1536*. In *MÉLANGES de la Casa Velázquez*. Paris: Boccard, 1965, vol. 1, p. 109-165; J. Ignacio TELLECHEA IDIGORAS — *Carlos V ante el luteranismo español e La reacción española ante el luteranismo*. In *IDEM* — *Tiempos recios*. Salamanca: Sígueme, 1977, p. 19-32; Pierre DEDIEU — *Le refus de la Réforme et le contrôle de la pensée*. In Bartolomé BENNASSAR — *L'Inquisition espagnole*. Paris: Hachette, 1979, p. 263-303; Melquíades ANDRÉS MARTÍN — *Alumbrados, erasmistas, 'luteranos'*